

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 1-14, out.-dez. 2020 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2020.4.34318</p>	

REVISÃO

Análise da produção científica sobre a violência digital no namoro entre adolescentes: uma revisão sistemática

Analysis of the scientific production on digital dating violence among adolescents: a systematic review

Análisis de producción científica sobre violencia digital en el noviazgo entre adolescentes: una revisión sistemática

Thais Afonso Andrade¹

orcid.org/0000-0002-5784-1674
tafonsoandrade@yahoo.com

Marisa Amorim

Sampaio¹
orcid.org/0000-0000-6600-8625
marisasampaio@hotmail.com

Véronique Donard¹

orcid.org/0000-0003-4812-6668
veronique.donard@unicap.br

Recebido em: 30 maio 2019.

Aprovado em: 10 set. 2020.

Publicado em: 15 mar. 2021.

Resumo: A violência no namoro entre adolescentes é considerada um problema de saúde pública e preditor de violência conjugal. Esta revisão sistemática objetivou analisar as publicações sobre a violência digital no namoro entre adolescentes, nos âmbitos nacional e internacional. A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, LILACS, Scopus, PubMed e no buscador Google Acadêmico, nos idiomas português, inglês e espanhol. A amostra final incluiu 34 artigos internacionais. A violência digital no namoro ocorre de duas formas: os comportamentos de controle e de monitoramento e a violência sexual digital, ambos mediados pela *internet*. Aponta-se a potência silenciosa da violência naturalizada e quiçá tomada como parte integrante do relacionamento. Constatou-se necessidade de incremento na realização de pesquisas brasileiras para maior aprofundamento acerca do fenômeno, com vistas à prevenção desse tipo de violência, bem como o uso mais responsável e positivo das tecnologias de informação e comunicação pelos adolescentes nas relações de namoro.

Palavras-chave: violência, adolescência, *internet*, namoro, violência digital.

Abstract: Violence in dating among adolescents is considered a public health problem and a predictor of marital violence. This systematic review aimed to analyse the scientific production on digital dating violence among adolescents, nationally and internationally. The search was carried out in the databases SciELO, LILACS, Scopus, PubMed and Google Scholar, in the Portuguese, English and Spanish languages. The final sample resulted in 34 international papers. Digital dating violence occurs in two ways: control and monitoring behaviours and digital sexual violence, both mediated by the Internet. We point to the silent power of violence, naturalized and perhaps taken as a part of the relationship. There is need to increase the number of Brazilian studies to further the phenomenon, in order to prevent this type of violence, as well as a more responsible and positive use of information and communication technologies by adolescents in dating relationships.

Keywords: violence, adolescence, Internet, dating, digital violence.

Resumen: Violencia en el noviazgo entre adolescentes es considerada un problema de salud pública y predictor de violencia conyugal. El objetivo de la revisión sistemática fue analizar las investigaciones acerca de violencia digital en el noviazgo entre adolescentes, en los ámbitos nacional y internacional. La búsqueda se realizó en las bases de datos SciELO, LILACS, Scopus, PubMed y buscador Google Acadêmico, en portugués, inglés y español. La muestra final resultó en 34 artículos internacionales. Violencia digital en el noviazgo ocurre de dos formas: comportamientos de control y monitoreo, y violencia sexual digital. Se apunta la potencia silenciosa de violencia, naturalizada y quizá tomada como parte integrante de la relación. Se constató necesidad de incremento en realización de investigaciones brasileñas para una mayor profundización acerca del fenómeno, con miras a prevención, así como el uso más responsable de tecnologías de información y comunicación por adolescentes en relaciones de noviazgo.

Palabras clave: violencia, adolescencia, internet, noviazgo, violencia digital.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, PE, Brasil.

A violência no namoro entre adolescentes é considerada um problema de saúde pública e preditor de violência conjugal (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2016). Relações amorosas violentas podem desencadear episódios de depressão, ansiedade, comportamentos sexuais de risco, antissociais e suicidas, além do abuso de álcool e outras drogas. Tais experiências podem produzir efeitos nocivos para a saúde dessa população, que perdurarão ao longo da vida (Centers for Disease Control and Prevention [CDC], 2016, 2017).

No cenário internacional, em países como Estados Unidos, Canadá, Portugal e Espanha, as pesquisas sobre violência no namoro entre adolescentes se apresentam de maneira mais consolidada (Wekerle & Wolfe, 1999; Fernández-Fuertes, Orgaz, & Fuertes, 2011). No Brasil, esse campo de investigação começou a receber visibilidade, sobretudo após pesquisa realizada em dez capitais brasileiras com 3.200 alunos na faixa etária de 15 a 19 anos. O estudo foi conduzido em 104 escolas públicas e privadas, entre os anos 2007 e 2009. Os resultados revelaram dados alarmantes sobre o fenômeno: a maioria dos adolescentes de ambos os sexos (76,6%) perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento íntimo. Quando esse percentual é separado entre os tipos de violência, a psicológica/verbal apresenta maior número (96,9%), seguida da violência sexual (83,1%) e da violência física (64,1%) (Oliveira, Assis, Njaine, & Oliveira, 2011).

O *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, 2016, 2017) aponta que a violência no namoro entre adolescentes é um tipo de violência que ocorre entre duas pessoas em um relacionamento próximo. Quanto à natureza, essa pode ser: *física* (tal como bater, chutar ou empurrar), *sexual* (tal como relações sexuais ou carícias forçadas), *psicológica/emocional* (tal como humilhar, assediar e controlar as amizades) e *perseguição* (tal como provocar encontros indesejados em casa, na escola ou no trabalho). Em ambos os casos, a violência pode ocorrer face a face ou mediada pela *internet*. A última denomina-se, neste artigo, violência digital no namoro: ato intencional de controlar, humilhar e insultar a imagem do(a) parceiro(a) por

meio do uso das tecnologias digitais. Diferente da que ocorre na presença física dos(as) parceiros(as), tal expressão de violência não apresenta limites de tempo e de lugar para sua ocorrência (Flach & Deslandes, 2017; CDC, 2017).

As pesquisas internacionais sobre a temática foram incrementadas em função do rápido desenvolvimento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). O avanço nas TICs insere a pessoa em uma realidade espaço-temporal que está em constante mutação, requer contínua adaptação cognitiva (Donard, 2016), bem como cria novas formas identitárias, que emergem com o uso das interfaces digitais. Assim, os cenários de hiperexposição e conexão advindos com o fácil acesso às novas formas de interação abriram também espaço para modos contemporâneos de manifestação de violências (Stonard, Bowen, Walker, & Price, 2015).

Uma das primeiras evidências desse fenômeno foi publicada nos Estados Unidos, no relatório *Tech Abuse in Teen Relationships Study* (Picard, 2007). A pesquisa foi realizada com 615 participantes entre 13 e 18 anos. Objetivou identificar e mensurar os comportamentos que envolvem o uso das tecnologias no namoro entre adolescentes. Os resultados revelam que 68% dos casais de namorados acreditam que é um sério problema compartilhar vídeos ou fotos íntimas do(a) parceiro(a); 30% deles utilizam mensagens de texto via celular para saber a localização e com quem o(a) parceiro(a) está.

Dick et al. (2014) apontam que 41,4% dos 1.008 adolescentes americanos pesquisados estiveram envolvidos com episódio de violência digital no namoro. Para os autores, o agravante de tal forma de violência incide na rapidez do seu compartilhamento. Essa característica amplia, sobremaneira, os efeitos nocivos para as vítimas. Na Noruega, Hellevik e Øverlien (2016) destacam que a violência digital (29,1%) nas relações amorosas obteve maior índice de ocorrência entre os estudantes pesquisados. Na sequência, os outros tipos foram: psicológica (25,9%), sexual (18,8%) e, por último, física (12,8%).

A busca inicial em bases de dados revelou carência de publicações sobre o tema no Brasil. Estima-se que um dos prováveis motivos seja o

fato de que boa parte dos estudos publicados no país acerca da violência no namoro utiliza como instrumento para a coleta de dados a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI). O referido instrumento em particular não mensura a violência digital (Andrade & Lima, 2018).

A melhoria do acesso à *internet* é uma realidade para grande parte da população brasileira, incluindo os adolescentes. Recente pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) apontou que 92% dos participantes entre 15 e 18 anos usam as redes sociais, 91% enviam mensagens instantâneas e 30% conversam por chamada de vídeo. Ampliando-se a idade desse grupo etário, no ano de 2017, 85% das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos utilizam a *internet*, o que corresponde a 24,7 milhões de usuários (CGI.br, 2018).

O grande número de adolescentes brasileiros que fazem uso das TICs como forma de interação é um dado que merece destaque, visto que, de acordo com Picard (2007), os dispositivos móveis figuram como a principal forma de comunicação entre casais de namorados na adolescência na contemporaneidade.

Torna-se relevante aprofundar o conhecimento a respeito deste multifacetado e emergente fenômeno, em virtude da suposta lacuna de publicações decorrentes de pesquisas brasileiras, apesar de sua relevância social e de implicações na saúde do adolescente. Este artigo objetiva analisar as publicações sobre a violência digital no namoro entre adolescentes, nos âmbitos nacional e internacional.

Método

Para a construção da revisão sistemática (RS) foram utilizadas as bases de dados SciELO, LILACS, Scopus e PubMed, além do buscador Google Acadêmico, entre maio e dezembro de 2018. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) foram consultados para elaborar a estratégia de busca. O único descritor de interesse encontrado foi "adolescente". Para atender aos objetivos deste estudo, foi necessário utilizar alguns descritores livres (palavras-chave) e, dessa forma, a estratégia de busca acrescida dos operadores booleanos "AND" e "OR" foi desenhada: "violência digital no namoro"

OR "violência on-line no namoro" OR "abuso digital no namoro" AND "adolescente". Utilizaram-se, também, os seus correspondentes em Inglês e Espanhol: "cyber dating abuse" OR "digital dating violence" OR "Online dating violence" AND "adolescent"; "violencia digital en el noviazgo" OR "abuso online en el noviazgo" OR "cyber violencia de pareja" AND "adolescente". Dois juízes conduziram a busca e a seleção dos estudos nas bases citadas; quando houve discordância na inclusão e/ou exclusão, um terceiro juiz independente foi consultado.

Para assegurar a qualidade metodológica da RS, utilizou-se o *Assessment of Multiple Systematic Reviews* (AMSTAR), instrumento validado por Costa, Zoltowski, Koller e Teixeira (2015), composto por 14 questões com respostas do tipo sim/não. Os itens atuam como uma forma de *checklist* no desenvolvimento de estudos desta natureza.

Os artigos atenderam aos seguintes critérios de inclusão: (a) versar sobre violência digital no namoro entre adolescentes na faixa etária entre 12 e 19 anos (com variações nesse recorte etário). Este recorte cronológico foi baseado na OMS (1986), que considera a adolescência o período durante o qual ocorrem mudanças biológicas, físicas, psicológicas e sociais; (b) publicados em qualquer período, até dezembro de 2018; (c) estudos empíricos disponíveis on-line; e (d) nos idiomas Inglês, Português e Espanhol. Os estudos que apresentassem as características a seguir foram excluídos: (a) artigos de revisão de literatura; e (b) monografias, teses e dissertações.

Foram identificados 403 artigos nas bases pesquisadas, dos quais 33 foram excluídos por estarem duplicados, permanecendo 370 investigações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 56 artigos foram lidos na íntegra. Durante essa fase, excluíram-se mais 18 pesquisas que não atendiam aos critérios de inclusão, o que resultou na seleção final de 34 estudos. Os motivos de exclusão foram: pesquisas fora da temática (249); trabalhos em formato de teses; dissertações e monografias (38); população de estudo fora da faixa etária estipulada (34); idade dos participantes não informada (4); e, por fim, (11) estudos de revisão de literatura (Figura 1).

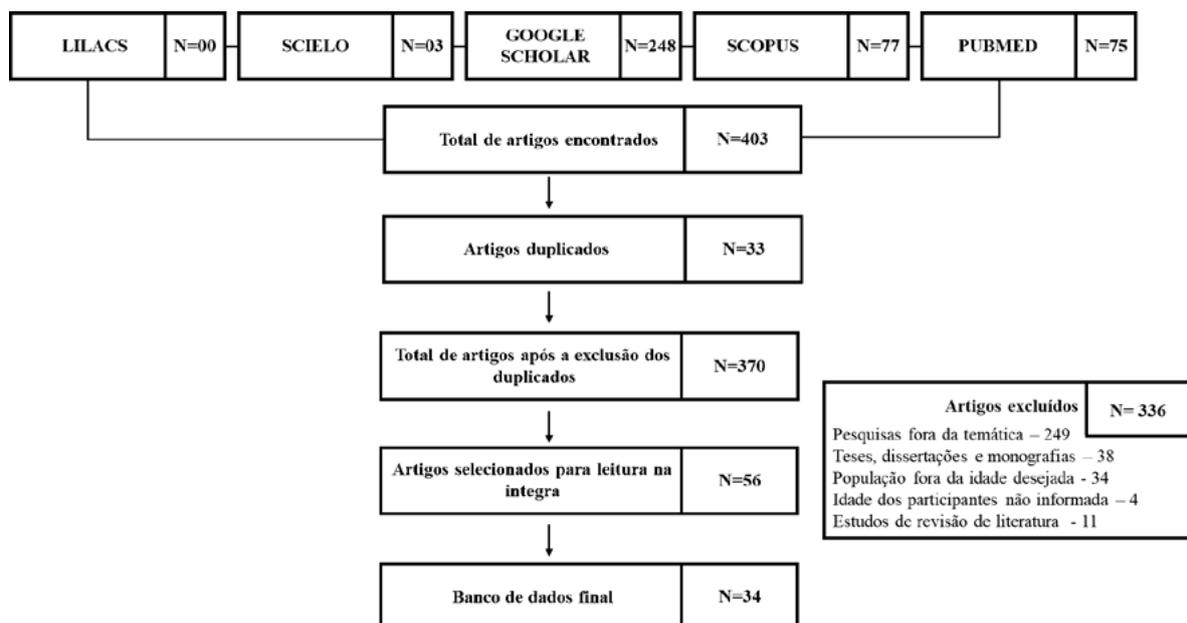


Figura 1 – Etapas da busca e da seleção dos artigos

Posteriormente, elaborou-se tabela para o registro das informações recolhidas dos artigos, considerando autor/ano, desenho dos estudos, participantes/pais de origem e principais resultados, com o propósito de organizar as informações significativas para a construção da RS. A análise identificou que as pesquisas trazem elementos em comum em torno da violência digital, principalmente relacionados com o conceito e a idade dos participantes. No entanto, diferiram quanto aos objetivos, o referencial teórico, o desenho, a metodologia (tamanho da amostra, técnicas e instrumentos, análise) e país onde foram desenvolvidos. Em função de tais diferenças, por vezes discrepantes e/ou complementares, identificaram-se dois subtipos de violência digital: (a) comportamentos de controle e de monitoramento e (b) violência sexual digital.

Resultados

A amostra final inclui 34 artigos: 14 pesquisas efetuadas nos Estados Unidos, seis na Espanha, cinco no México, Bélgica e Canadá com um estudo cada, e duas investigações com dados conjuntos de quatro países (Bulgária, Chipre, Inglaterra, Itália e Noruega).

Ao analisar os trabalhos por ano de publicação, observou-se que o crescimento variou entre os anos 2013 e 2018. O primeiro estudo foi publicado

em 2013. *A posteriori*, nos anos de 2014 (5); 2015 (2); 2016 (7) pesquisas foram divulgadas. Seguindo a análise, o ano de 2017, obteve o maior número de publicações (12), e esse também foi o período em que quatro países (Inglaterra, México, Espanha e os Estados Unidos) divulgaram estudos sobre o tema. Por fim, 2018 totalizou sete trabalhos publicados. Quanto ao desenho metodológico, a maioria foram estudos transversais (10), seguidos dos que se denominaram apenas quantitativos (9), longitudinais (4), qualitativos (4), *surveys* (4), coorte (1), misto (1) e ensaio clínico (1).

Não foram encontrados artigos oriundos de pesquisas brasileiras no período em que a busca foi realizada. Flach e Deslandes (2017) publicaram o único artigo que aborda a mesma temática desta RS, mas que não foi adicionado por se tratar de revisão de literatura, um dos critérios de exclusão adotado. Essa suposta escassez de trabalhos no cenário nacional evidencia a emergência da produção de investigações científicas acerca da temática.

Dois estudos construíram e validaram escalas para mensurar a violência digital nos relacionamentos íntimos entre adolescentes. A *Adolescent Gender-Based Violence Scale* (ESVIGA), composta por 13 afirmações sobre a violência (digital, verbal/psicológica e sexual) sofrida e exercida, para adolescentes entre 13 e 18 anos (Penado-Abilleira & Rodicio-García, 2018). A *Escala de Violência de*

Pareja a través de Medios Electrónicos (EMIVE), desenvolvida para adolescentes mexicanos de 12 a 19 anos, composta por 32 sentenças tipo Likert que mensuram apenas a violência digital no âmbito das relações amorosas (Jaen-Cortés, Rivera-Aragón, Reidl-Martínez, & García-Méndez, 2017).

Foi possível observar que há uma pluralidade de termos utilizados para denominar o mesmo fenômeno. Em inglês tem-se: *Cyber Dating Abuse* – o mais utilizado – *Cyber Dating Violence*, *Digital Dating Abuse*, *Electronic Dating Aggression*, *Electronic Intrusiveness*, *Electronic Intrusion*. No idioma espanhol: *Ciberviolencia en la pareja de adolescentes*, *Ciberagresiones*, *Violencia en el ciberespacio en las relaciones de noviazgo*, *Agresión sexual online*, *Violencia de Pareja a través de Medios Electrónicos*, *Violencia eletrónica en el noviazgo* e *Violencia on-line*.

Nesta RS, optou-se pela tradução violência digital no namoro, que é aquela perpetrada/sofrida eletronicamente, assim como apontam os autores Dank, Lachman, Zweig e Yahner (2014), Hellevik e Øverlien (2016) e Smith et al. (2018). Ademais, com base na análise da literatura selecionada, compreendeu-se que o termo abuso digital no namoro e suas diversas variações são equivalentes e parecem ser sinônimos desse tipo recente expressão de violência (mediadas pela *internet*) que pode ocorrer nas relações amorosas entre adolescentes.

A análise dos estudos indica duas categorias compreensivas quanto à temática: (a) comportamentos de controle e de monitoramento e (b) violência sexual digital. A literatura já utiliza o termo da primeira categoria; todavia, propõe-se o segundo termo para problematizar a violência de cunho sexual com a mediação da *internet*.

Tabela 1 – Extração de dados dos artigos selecionados

Autor / Ano	Desenho do estudo	Participantes / País	Principais resultados
<i>1) Comportamentos de controle e de monitoramento</i>			
Zweig et al. (2013)	Estudo transversal	3. 745 adolescentes de 12 a 19 anos/ EUA	Mais de 25% dos participantes no relacionamento atual ou recente foram vítimas de alguma forma de <i>cyber dating abuse</i>
Reed, Ward e Tolman (2018)	Estudo transversal	703 adolescentes com Idade média de 16, 4 anos/ EUA	As adolescentes perpetram mais alguns tipos de <i>digital dating abuse</i> (monitoramento digital e comportamento de controle); as agressões diretas e comportamentos digitais hostis são mais perpetrados pelos adolescentes.
García-Sánchez et al. (2017)	Estudo transversal	726 Adolescentes entre 14 e 19 anos/ México	Maior tendência no tipo de apego evitativo entre as participantes do sexo feminino e apego ansioso e seguro entre os participantes do sexo masculino. Os rapazes apresentaram uma tendência maior de sofrerem controle.
Algovia et al. (2017)	Estudo quantitativo	362 adolescentes de 14 a 18 anos/ Espanha	Os mecanismos de controle e abuso de intimidade pelos parceiros por meio das TICS são amplamente aceitos e ocorrem de forma bidirecional entre moças e rapazes
Stonard et al (2017)	Qualitativa	52 adolescentes de 12 a 18 anos/ Inglaterra	As TICS apresentam um efeito positivo no desenvolvimento e manutenção nas relações amorosas dos adolescentes. Todavia, tais ferramentas também apresentam uma nova forma de abuso, assédio, monitoramento e controle nessas relações.
Reyes (2017)	Estudo quantitativo	306 adolescentes com idade média de 16,6 anos/ México	Mais da metade dos estudantes relataram sentir ciúme por algum comportamento do(a) parceira na <i>internet</i> .

Autor / Ano	Desenho do estudo	Participantes / País	Principais resultados
Doucette et al. (2018)	Ensaio Clínico	78 adolescentes do sexo feminino entre 14 e 17 anos/ EUA	Os resultados revelam que a <i>electronic intrusiveness</i> relaciona-se com a perpetração da violência face a face em adolescentes do sexo feminino. As taxas de prevalência variaram de 30% a 57% nos comportamentos de controle.
Ruiz (2014)	Estudo qualitativo	467 adolescentes de 13 a 18 anos/ Espanha	Três em cada 10 participantes já sofreram algum insulto ou humilhações por meio das redes sociais.
Reed et al. (2016)	Survey	703 adolescentes de 13 a 19 anos/ EUA	Níveis altos de apego ansioso foram mais associados com a perpetração da <i>electronic intrusion</i> para moças e rapazes.
Barter et al (2017)	Survey	4.564 adolescentes de 14 a 17 anos / Bulgária/ Chipre/ Inglaterra/Itália/Noruega	A violência por meio das TICs, especialmente o comportamento de controle e a vigilância, foram comuns na amostra dos cinco países pesquisados. Há interconexão entre as formas de violência on-line e off-line.
Vázquez et al. (2018)	Estudo quantitativo	3.043 adolescentes com idade média de 15 anos/ Espanha	Os participantes não percebem como violência os comportamentos de controle exercidos contra o parceiro(a) por meio do ambiente virtual.
Smith et al. (2018)	Estudo transversal	190 adolescentes entre 14 e 18 anos/ Canadá	Não foram encontradas diferenças de gênero quanto à vitimização e à perpetração do <i>cyber dating abuse</i> .
Lucio-López e Pietro-Quezada (2014)	Estudo transversal	1.900 adolescentes entre 14 e 18 anos/ México	A violência on-line é uma realidade das interações que ocorrem nas redes sociais de adolescentes que namoram.
Lu et al. (2018)	Estudo longitudinal	641 adolescentes com idade média de 19,1 anos/ EUA	Evidenciaram-se associações transversais entre a vitimização do <i>cyber dating abuse</i> em relação ao uso de drogas como cocaína, anfetaminas e maconha.
Dick et al. (2014)	Estudo transversal	1008 adolescentes de 14 a 19 anos/ EUA	O <i>cyber dating abuse</i> foi reportado por 41,4% dos participantes. Foi associado com o abuso físico e sexual.
Hellevik e Øverlien (2016)	Survey	549 adolescentes de 14 a 17 anos/ Noruega	42,9% dos adolescentes experienciaram algum tipo de violência por parceiro íntimo: digital - 29,1%; psicológica - 25,9%; sexual - 18,8%; física - 12,8%.
Penado-Abilleira e Rodicio-García (2018)	Estudo quantitativo	701 Adolescentes de 13 a 18 anos/ Espanha	A escala (ESVIGA) conta com 13 afirmações bidirecionais e cinco tipos mensuração de violência, face a face e digital (comportamento de controle e monitoramento).
2) Violência sexual digital			
Brinkley et al (2017)	Estudo longitudinal	181 adolescentes de 15 a 16 anos/ EUA	Entre os participantes, 65% estiveram envolvidos com o <i>sexting</i> . Tal prática foi associada com uma iniciação sexual precoce, relações sexuais com múltiplos parceiros, além do uso de drogas combinado com atividade sexual de risco.
Gámez-Guadix, Santisteban e Resett (2017)	Estudo quantitativo	3.223 adolescentes de 12 a 17 anos/ Espanha	Prevalência de 13,5%. A análise por idade revelou que houve uma tendência crescente: 3,4% aos 12 anos e 36,1% aos 17 anos de envolvimento com o <i>sexting</i> .
Frankel et al. (2018)	Survey	6021 adolescentes. com média de 16 anos/EUA	Entre os adolescentes, 29% relataram sexting consensual, enquanto 3% relataram sexting não consensual.

Autor / Ano	Desenho do estudo	Participantes / País	Principais resultados
Lucero et al. (2014)	Estudo qualitativo	23 adolescentes (idade média de 15 anos) /EUA	Espionar/monitorar, <i>sexting</i> , compartilhar senhas e acesso de contas foram as ações abusivas mais comuns.
Jiménez et al. (2015)	Estudo quantitativo	268 adolescentes de 12 a 18 anos/ Espanha	Os comportamentos de <i>sexting</i> mais frequentes foram trocas de mensagens e imagens com conteúdo sexual.
Walrave et al. (2015)	Estudo transversal	217 adolescentes de 15 a 19 anos/ Bélgica	Os adolescentes que perceberam uma pressão social de pessoas importantes em sua vida, estavam mais dispostos a se envolverem com o <i>sexting</i> .
Ouytsel et al. (2016)	Estudo qualitativo	57 adolescentes de 15 a 18 anos/ Bélgica	O <i>sexting</i> torna-se abuso quando é usado para coagir ou chantagear a vítima.
Stanley et al. (2016)	Estudo Misto	4.564 adolescentes entre 14 e 17 anos/ Bulgária/Chipre/ Inglaterra/ Itália/Noruega	A perpetração da coerção sexual pelos meninos foi associada à visualização de pornografia on-line, além da maior probabilidade do envio de mensagens/imagens íntimas na maioria dos países pesquisados.
Choi, Ouytsel e Temple (2016)	Estudo de coorte	450 moças com idade média de 19 anos/ EUA	As adolescentes que vivenciaram episódios de coerção sexual (off-line) foram mais propensas a se envolverem em comportamentos de <i>sexting</i> (on-line).
Reed, Tolman e Ward (2017)	Estudo transversal	940 adolescentes de 13 a 19 anos/ EUA	Moças e Rapazes, apresentem taxas semelhantes de vitimização do <i>cyber dating abuse</i> (com exceção da coerção digital sexual).
Temple et al. (2016)	Estudo longitudinal	1.042 adolescentes com idade média de 18,09 anos/ EUA	Correlação entre a violência tradicional e o <i>cyber dating abuse</i> .
Donoso-Vázquez et al. (2017)	Estudo quantitativo	155 adolescentes entre 15 e 19 anos/ Espanha	As experiências de agressão são relacionadas com aspectos do mito do amor romântico.
Dominguez-Mora et al. (2016)	Estudo quantitativo	1.663 adolescentes de 12 a 17 anos/ México	Identificada correlação entre a comunicação ofensiva com os pais e ser vítima de violência pela <i>internet</i> .
Ouytsel et al. (2017)	Estudo longitudinal	705 adolescentes com média de idade de 17,96 anos/ EUA	Comportamentos de risco (uso de drogas, <i>bullying</i> , portar arma e envolver-se em briga corporal) podem ser indicativos da perpetração do <i>cyber dating abuse</i> .
Peskin et al. (2017)	Estudo transversal	424 adolescentes com idade média de 12,4 anos/EUA	Aproximadamente 15% dos participantes relataram ter perpetrado <i>cyber dating abuse</i> pelo menos uma vez.
Dank et al. (2014)	Estudo transversal	3.745 adolescentes de 12 a 19 anos/ EUA	Lésbicas, gays e bissexuais apresentam maior risco de serem vítimas e perpetradores de todos os tipos de violência no namoro, inclusive a violência digital, quando comparados com as relações dos jovens heterossexuais.
Jaen-Cortés et al. (2017)	Estudo quantitativo	878 adolescentes entre 12 e 19 anos/ México	A <i>Escala de Violencia de Pareja que se expresa a través de Medios Electrónicos</i> (EVIME) apresentou validade de construto e confiabilidade favoráveis.

Discussão

A violência digital no namoro entre adolescentes foi considerada associada àquelas que ocorrem face a face (Zweig, Dank, Yahner, & Lachman, 2013b; Dick et al., 2014; Choi, Ouytsel, & Temple, 2016; Stanley et al., 2016; Doucette et al., 2018; Barter et al., 2017). Tais pesquisas apontam para uma coocorrência entre as expressões da violência interpessoal dos tipos física, psicológica, sexual e a violência digital no namoro. Isto é, as experiências de violência podem acontecer de forma combinada, de tal modo que um tipo de violência pode ser preditor de outro (Temple et al., 2016; Zweig et al., 2013).

Algumas pesquisas revelam que adolescentes de ambos os sexos perpetram e são vítimas da violência digital no namoro, caracterizando-a como bidirecional (Ruiz, 2014; Lucero, Weisz, Smith-Darden, & Lucero, 2014; Algovia, Rivero, & Cabrera, 2017). Temple et al. (2016) indicam que adolescentes vítimas de violência digital no namoro tendem também a perpetrá-la. O trabalho de Smith et al. (2018) corrobora com esses autores. Dos 190 participantes da investigação, 82,5% reportaram experienciar a violência mútua. Além do mais, não foi verificada diferença de gênero para a perpetração e para a vitimização.

Entre os fatores associados com a vitimização da violência digital no namoro entre adolescentes, destacam-se: envolvimento com parceiros(as) mais velhos(as), violência intrafamiliar, baixo rendimento escolar, sofrer *bullying*, bem como o envio de mensagens sexuais via dispositivos digitais (Hellevik & Øverlien, 2016; Domínguez-Mora, Vargas-Jiménez, Castro-Castañeda, & Nuñez-Fadda, 2016). Lu, Ouytsel, Walrave, Ponnet e Temple (2018) apontam que vítimas desse tipo de violência estão mais inclinadas ao abuso de drogas.

Estar namorando, praticar *bullying* e aceitar normas sobre papéis femininos e masculinos na violência entre casais (seria certo um rapaz bater na namorada se ela fez alguma coisa para deixá-lo furioso; às vezes, os meninos têm que bater na namorada para mantê-la sob controle) foram relacionados com a perpetração (Peskin, 2017). O abuso de álcool ou outras drogas como cocaína,

anfetaminas e inalantes, além de comportamentos sexuais de risco, foram outras condições ligadas à prática da violência digital (Ouytsel et al., 2017).

Com base na literatura analisada, é possível identificar dois subtipos de violência digital no namoro entre adolescentes: os comportamentos de controle e de monitoramento das atividades on-line do(a) parceiro(a); o compartilhamento não autorizado de textos, fotos e/ou vídeos com conteúdo sexual e íntimo. Acrescenta-se, ainda, o recebimento e/ou envio de mensagens e imagens sexuais sem consentimento, assim como forçar o(a) parceiro(a) a ter relações sexuais via dispositivos móveis. A esse subtipo denomina-se, nesta RS, de violência sexual digital.

Propõe-se, a partir das investigações que embasaram esta RS, a compreensão da violência digital como uma intercessão das características da violência psicológica e da sexual que ocorrem face a face, mediadas pela *internet*. Na violência digital, os celulares, aplicativos de trocas de mensagens, *e-mails* e redes sociais são utilizados para ameaçar, controlar, assediar, incitar intimidade sexual não desejada, perseguir e humilhar o(a) parceiro(a) no contexto de uma relação amorosa. Algumas especificidades desse tipo de violência, entretanto, devem ser consideradas diante da sua complexidade: a ubiquidade, a rapidez do seu compartilhamento e, por isso, a audiência amplificada e, ainda, a ausência de barreiras geográficas para a sua ocorrência.

Subtipos da violência digital no namoro entre adolescentes

Comportamentos de controle

Os comportamentos de controle são comuns nas relações de namoro entre adolescentes (Barter et al., 2017; Dick et al., 2014; Stanley et al., 2016; Doucette et al., 2018). A maioria desses comportamentos verificados nos estudos que compõem esta revisão se apresenta de múltiplas maneiras nas relações de namoro e, ainda, podem ser entendidos a ex-parceiros(as). São eles: acesso à senha, controle das amizades e postagens nas redes sociais; controle por geolocalização; acesso ao celular para inspecionar o conteúdo, chamadas

e contatos; impedir a conversa com alguém por meio dos aplicativos de mensagens; *hackear* a conta de redes sociais ou *e-mail*; provocar e sentir ciúmes por meio das redes sociais; utilizar a conta de um(a) amigo(a) para testar o(a) parceiro(a), enviar mensagens ofensivas e ameaças via celular; postar mensagens depreciativas e espalhar boatos sobre o(a) parceiro(a); enviar/receber ameaças e xingamentos; enviar mensagens seguidas provocando desconforto e, ainda, pressionar para obter respostas rápidas de ligações e mensagens (Reed, Ward, Tolman, Lipman, & Seabrook, 2018; Smith et al., 2018; Algovia, Rivero, & Cabrera, 2017; Reyes, 2017; Reed, Tolman, & Ward, 2017; Stanley et al., 2016; Hellevik & Øverlien, 2016; Donoso-Vázquez, Hurtado, & Baños, 2017; Reed, Tolman, Ward, & Safyer, 2016; Stonard et al., 2015; Ruiz, 2014; Lucero et al., 2014; Lucio-López & Prieto-Quezada, 2014; Dick et al., 2014).

Os comportamentos de controle resultam em uma invasão da "privacidade digital" como forma de exercer poder e controle sobre a(o) parceiro(a). Somando-se a isso, podem gerar angústia e ser prejudiciais aos casais quando se tornam um padrão de interação do relacionamento (Reed et al., 2016).

Em estudo realizado com 306 estudantes mexicanos, Reyes (2017) destacou que 74% dos participantes sentem ciúmes se o(a) parceiro(a) posta uma foto com um ex-parceiro(a); 59,26% sentem-se preocupados quando o(a) parceiro(a) comece outra relação pelas redes sociais. Além da prevalência dos comportamentos relacionados com o ciúme via redes sociais, em média, 29,63% dos estudantes, estão envolvidos na dimensão do "controle da conduta on-line", entre eles, verificar o perfil, tentar *hackear* a conta da rede social e abrir uma conta com dados falsos para adicionar e controlar o(a) parceiro(a).

Os trabalhos que se debruçaram sobre a ocorrência de tais comportamentos em relação às diferenças de gênero, demonstram resultados diferentes. A primeira das vertentes aponta que as moças são mais vítimas desse tipo de violência (Dick et al., 2014; Donoso-Vázquez, Hurtado, & Baños, 2017). Entretanto, ressalta-se que 76% da amostra do estudo de Dick et al. (2014) são do

gênero feminino. A segunda vertente aponta que os rapazes são os que mais sofrem e perpetram os comportamentos de controle (García-Sánchez, Guevara-Martínez, Rojas-Solís, Peña-Cárdenas, & Cruz, 2017). Em uma terceira linha, não foram apontadas diferenças entre gênero para a prática dos comportamentos de controle (Smith et al., 2018). A última vertente revela que os rapazes sofrem mais abuso e controle da intimidade por parte da parceira (Vázquez, Hurtado, & Baños, 2018; Algovia, Rivero, & Cabrera, 2017; Lucero et al., 2014; Lucio-López & Prieto-Quezada, 2014; Zweig et al., 2013).

Algumas publicações ressaltam que os comportamentos de controle motivados pelos ciúmes são sustentados e legitimados pelo discurso do mito do amor romântico nas relações amorosas. Algovia, Rivero e Cabrera (2017) apontam, ao investigar a tolerância e as justificativas diante dos comportamentos de controle, que 47% dos adolescentes espanhóis participantes da pesquisa consideram que o ciúme representa uma prova de amor e de preocupação. Tais crenças, portanto, podem influenciar os adolescentes a não reconhecerem tais condutas como violência (Ruiz, 2014; Lucio-López & Prieto-Quezada, 2014; Reyes, 2017; Donoso-Vázquez, Hurtado, & Baños, 2017).

Nesse sentido, Ruiz (2014) revela que tais atitudes estão associadas às crenças da "metade da laranja" (há alguém predestinado para cada pessoa, juntamente com a ideia da necessidade de se completar apenas diante da companhia de outro); da "paixão eterna" (a paixão intensa do início do relacionamento deveria perdurar para sempre); da "onipotência" (o amor verdadeiro pode tudo); dos "ciúmes" (os comportamentos de controle do(a) parceiro(a) são uma prova de amor), a conformidade entre "sofrimento/violência e amor" (os comportamentos violentos são compatíveis com o amor e, também, podem ser entendidos como prova de amor). Esses ideais e comportamentos estão presentes nas relações íntimas de casais adolescentes e passam, na maioria das vezes, como despercebidos, pois são vistos como formas mais sutis de violência.

Do mesmo modo, Lucero et al. (2014) desta-

cam que os adolescentes acreditam que exercer o controle sobre as atividades da “vida on-line” do(a) parceiro(a) é típico das experiências de namoro entre eles. Tal comportamento é aceito e legitimado por parte desse grupo etário, por reconhecê-lo como prova de amor, zelo e cuidado com o outro. Outro possível fator contributivo para esse tipo de controle pode advir do constante avanço nas atualizações de aplicativos e de funções dos celulares, ao oferecer possibilidades para o monitoramento (conferência da mensagem lida, status on-line e a última visualização no aplicativo). Doucette et al. (2018) sugerem que esses podem ser elementos que colaboram para que sejam percebidos como comportamentos normais no âmbito do namoro.

O sofrimento psíquico, a baixa autoestima e a ansiedade foram correlacionados com esse subtipo de violência digital no namoro, tanto para a vitimização quanto para a perpetração (Smith et al., 2018; Stonard et al., 2015). Por outro lado, Lu et al. (2018) ressaltam que outras pesquisas são necessárias para melhor compreensão dos efeitos psicológicos a curto e longo prazo relacionados ao sofrimento desse tipo de violência.

O fato de ter um relacionamento íntimo parece oferecer ao parceiro(a) o direito à invasão da individualidade, intimidade e privacidade, fazendo com que esses aspectos tão caros à construção de um relacionamento amoroso saudável, passem despercebidos. A dinâmica dos comportamentos de controle – monitorar, controlar e vigiar – no namoro pode resultar, para muitos sujeitos, em vivências constantes de desassossego (Lucio-López & Pietro-Quezada, 2014). Isso parece estimular uma ansiedade cíclica (Reed et al., 2016), atenuada no instante em que um dos parceiros(as) encontra alguma resposta para o que procura: a localização ou com quem o outro esteja, por exemplo. No instante seguinte, um novo gatilho surge, reiniciando um novo ciclo com os mesmos comportamentos de controle, monitoração e vigilância.

Violência sexual digital

As TICs possibilitam o acesso a qualquer tipo de informação, entre elas, a pornografia on-line.

Nesse sentido, as redes sociais oportunizam mais riscos aos adolescentes quanto à violência sexual digital no contexto de namoro, pois podem incrementar a vulnerabilidade desse grupo etário pela exposição precoce a comportamentos sexuais de risco, como iniciação sexual prematura, relações sexuais com múltiplos parceiros e desprotegidas (Dick et al., 2014; Brinkley et al., 2017). Para os adolescentes do sexo masculino, a visualização de pornografia on-line apresenta alta relação com a probabilidade do envio de textos e imagens sexuais (*sexting*); para as adolescentes do sexo feminino, a visualização de pornografia on-line está associada com o recebimento do *sexting* (Stanley et al., 2016).

Sexting consiste no envio e/ou recebimento de imagem, texto, vídeo de si mesmo ou do casal, com conteúdo sexual, por meio, principalmente, do celular e aplicativos de troca de mensagens, de forma consentida e não consentida (Frankel, Bass, Patterson, Dai, & Brown, 2018; Gámez-Guadix, Santisteban, & Resett, 2017; Brinkley, Ackerman, Ehrenreich, & Underwood, 2017; Choi, Ouytsel, & Temple, 2016; Stanley et al., 2016; Ouytsel, Gool, Walrave, Ponnet, & Peeters, 2016; Jiménez, Muñoz-Fernández, & Gea, 2015; Walrave et al., 2015; Dank et al., 2014). No Brasil, o *sexting* é popularmente conhecido como “mandar nude(s)”.

O telefone celular tornou-se um canal de comunicação essencial e comum na atualidade, além de um meio estimado para a troca de intimidade e interesses sexuais no namoro entre adolescentes. A iniciação da atividade sexual mediada pela *internet*, neste recorte etário, pode ser vivenciada de forma saudável. Os jogos de sedução, a descoberta do prazer sexual, do sentir-se desejada(o) pelo(a) parceiro(a) são comportamentos comuns nesta etapa do desenvolvimento (Gámez-Guadix, Santisteban, & Resett, 2017; Ouytsel et al., 2016; Walrave et al., 2015; Jiménez, Muñoz-Fernández, & Gea, 2015).

Ouytsel et al. (2016) revelaram que adolescentes de ambos os sexos percebem que o envio de imagens de nudez em uma relação amorosa é utilizado, especialmente, para despertar o interesse de um parceiro(a). O *sexting*, portanto, pode ser considerado como outro meio para ca-

sais experimentarem sua sexualidade no âmbito do relacionamento, contribuindo para fortalecer a proximidade entre eles (Walrave et al., 2015). Assim, destaca-se que a troca autorizada de imagens, vídeos ou textos com conteúdo sexual pode não se constituir como prática de violência.

Todavia, quando há a disseminação não consentida de imagens ou textos íntimos via tecnologias digitais, tem-se a ocorrência de uma das possibilidades de expressão da violência no âmbito de uma relação de namoro com a agravante do rápido compartilhamento, da ubiquidade, da audiência amplificada e a ausência de barreiras geográficas. O *sexting* pode ser preditor de violência digital no namoro a partir do instante em que o conteúdo íntimo enviado/recebido é compartilhado por meio eletrônico sem consentimento (Choi, Ouytsel, & Temple, 2016; Jiménez, Muñoz-Fernández, & Gea, 2015; Ouytsel et al., 2016).

É considerado violência sexual digital também ameaçar a divulgação de algum conteúdo íntimo com a finalidade de aproveitar-se da vítima, pressionar para o envio do *sexting*, bem como receber *sexting* sem consentimento (Reed, Tolman, & Ward, 2017; Donoso-Vázquez, Hurtado, & Baños, 2017; Peskin et al., 2017). Tais comportamentos são chamados também de "coerção digital sexual" (Reed, Tolman, & Ward, 2017). Entre os motivos ligados à disseminação não consentida do *sexting*, Ouytsel et al. (2016) revelaram a disseminação de imagens por vingança após término de um relacionamento amoroso e o encaminhamento aos amigos(as) da foto íntima, a fim de se vangloriar da imagem recebida.

Moças e rapazes se envolvem igualmente no *sexting* (Gámez-Guadix, Santisteban, & Resett, 2017; Stanley et al., 2016; Jiménez, Muñoz-Fernández, & Gea, 2015). Entretanto, são apontadas diferenças de gênero: adolescentes do sexo feminino são mais propensas a ser vítimas de disseminação não autorizada de imagem íntima (Frankel et al., 2018; Reed, Tolman, & Ward, 2017; Vázquez, Donoso, & Baños, 2018; Zweig et al., 2013); adolescentes do sexo masculino recebem mais *sexting* consensual (Frankel et al., 2018; Brinkley et al., 2017).

Embora os estudos incluídos nesta RS não tenham delimitado com nitidez os efeitos da

violência digital no âmbito da saúde mental, todos a consideram como um problema de saúde pública. Esse é o mesmo entendimento adotado pelo CDC (2016, 2017), que toma esse fenômeno como complexo e multicausal. Os referidos estudos também apontam que o uso da *internet* deve ser incluído nos programas de prevenção à violência no namoro.

Até o momento, não há relatos de políticas públicas nacionais com foco na prevenção e no atendimento aos adolescentes vítimas e autores de violência no namoro, realidade diferente da encontrada nos Estados Unidos, que apresenta ações preventivas sobre a temática em escolas e organizações não governamentais, desde o início da adolescência (CDC, 2016).

Considerações finais

A revisão realizada revelou que as Tecnologias de Informação e Comunicação oferecem tanto oportunidades quanto riscos para as relações de namoro adolescentes. Se, por um lado, a *internet* os aproxima, facilitando o enamoramento inicial, por outro lado, pode torná-los vulneráveis à exposição da intimidade e à experiência de episódios de violência.

A violência digital no namoro na adolescência pode ser dividida em dois subtipos: (a) nos comportamentos de controle e de monitoramento realizados, por exemplo, nas redes sociais do(a) parceiro, principalmente via celular; (b) na disseminação não consentida de imagens/vídeos e/ou textos com conteúdo sexual do(a) parceiro(a). Essas condutas são consideradas pelos adolescentes como algo próprio da relação de namoro, dificultando o seu reconhecimento como uma expressão de violência, pois são compreendidas e legitimadas como prova de amor, cuidado e demonstração de confiança para com o outro. Essa constatação ilustra a potência silenciosa da violência, naturalizada, e quiçá tomada como parte integrante do relacionamento.

Os potenciais danos psíquicos resultantes dessa expressão contemporânea de violência nos relacionamentos íntimos ainda são pouco conhecidos. Alguns estudos apontam para sintomas relacio-

nados com a ansiedade e a baixa autoestima. São apontados, também, o envolvimento com comportamentos sexuais de risco, antissociais e o uso de álcool ou outras drogas. As possíveis implicações à saúde mental e física figuram como um convite à visibilidade que a temática requer de profissionais que lidam diretamente com adolescentes como psicólogos, professores, enfermeiros, médicos, assistentes sociais, entre outros.

No que remete às possíveis limitações deste estudo, identificamos que a busca se restringiu a cinco bases de dados, portanto, pesquisas potencialmente relevantes publicadas em livros, por exemplo, não fizeram parte da amostra.

Para pesquisas futuras, sugere-se o acompanhamento longitudinal do namoro na adolescência, com a finalidade de obter uma melhor compreensão acerca das possíveis diferenças de gênero relacionadas à violência entre casais na vida adulta que, na maioria das vezes, apresenta a mulher como principal vítima. Como se trata de uma temática complexa e multifatorial, torna-se indicativa a realização de pesquisas qualitativas para melhor aprofundamento das diversas questões que perpassam o fenômeno.

Ademais, há necessidade de fomento para investigações a respeito da epidemiologia, impacto na saúde mental, bem como de ações preventivas, voltadas para o uso responsável e mais positivo das tecnologias digitais no contexto das relações amorosas entre adolescentes. Talvez possamos dizer que se trata de um fenômeno caracterizado como violências antigas, perpetradas por vias modernas e tecnológicas, mas que pedem novos olhares.

Referências

- Algovia, E. B., Rivero, E. R., & Cabrera, J. J. V. (2017). Tolerancia y justificación de la violencia de pareja adolescentes. *Apuntes de Psicología*, 35(1), 55-61.
- Andrade, T.A., & Lima, A. O. (2018). Violência e namoro na adolescência: uma revisão de literatura. *Desidades*, 19(6), 20-35.
- Barter, C., Stanley, N., Wood, M., Lanau, A., Aghtaie, N., Larkins, C., & Øverlien, C. (2017). Young people's online and face-to-face experiences of interpersonal violence and abuse and their subjective impact across five European countries. *Psychology of Violence*, 7(3), 375-384. <https://doi.org/10.1037/vio0000096>
- Brinkley, D., Ackerman, R., Ehrenreich, S., & Underwood, M. (2017). Sending and receiving text messages with sexual content: Relations with early sexual activity and borderline personality features in late adolescence. *Computers in Human Behavior*, 70, 119-130. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.12.082>
- Center Disease Control and Prevention. (2017). *Preventing teen dating violence*. United States.
- Center Disease Control and Prevention. (2016). *Understanding Teen Dating Violence*. United States.
- Choi, H., Ouytsel, J. & Temple, J. (2016). Association between sexting and sexual coercion among female adolescents. *Journal of Adolescence*, 53, 164-168. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.10.005>
- Costa, A. B., Zoltowski, A. P.C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014>
- Comitê Gestor da Internet no Brasil (2018). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2017*. São Paulo: CGL.br.
- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J., & Yahner, J. (2014). Dating Violence Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. *Journal Youth Adolescence*, 43, 846-857. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9975-8>
- Dick, R. N., McCauley, H. L., Jones, K. A., Tancredi, D. J., Goldstein, S., Blackburn, S., et al. (2014). Cyber Dating Abuse Among Teens Using School-Based Health Centers. *Pediatrics*, 134(6), 1560-1567. <https://doi.org/10.1542/peds.2014-0537>
- Domínguez-Mora, R., Vargas-Jiménez, E., Castro-Castañeda, R., & Nuñez-Fadda, S.M. (2016). Impacto de la comunicación familiar en la victimización por internet en parejas adolescentes: una perspectiva de género. *Opción: Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 32(13), 979-1000.
- Donoso-Vásquez, T., Hurtado, M. J. R., & Baños, R. V. (2017). Las ciberagresiones en función del género. *Revista de Investigación Educativa*, 35(1), 197-214. <https://doi.org/10.6018/rie.35.1.249771>
- Donard, V. A. (2016). A pesquisa em psicologia na era digital: novos campos e modalidades. *Revista San Gregorio*, 12, 27-35.
- Doucette, H., Collibee, C., Hood, E., Stone, D. I. G., DeJesus, B., & Rizzo, C. J. (2018). Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: Associations with In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-21. <https://doi.org/10.1177/0886260518815725>
- Fernández-Fuertes, A. A., Orgaz, B., Fuertes, A. (2011). Características del comportamiento agresivo en las parejas adolescentes españoles. *Psicología Conductual*, 3, 501-522.
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), 1-19. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00138516>

- Frankel, A. S., Bass, S. D., Patterson, F., Dai, T., & Brown, D. (2018). Sexting, risk behavior and mental health in adolescents: an examination of 2015 Pennsylvania Youth Risk Behavior survey data. *Journal of School Health*, 88(3), 190-199. <https://doi.org/10.1111/josh.12596>
- Gámez-Guadix, M., Santisteban, P., & Resett, S. (2017). Sexting among Spanish adolescents: Prevalence and personality profiles. *Psicothema*, 29(1), 29-34. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.222>
- García-Sánchez, P. V., Guevara-Martínez, C., Rojas-Solís, J. L., Peña-Cárdenas, F., & Cruz, V. G. G. (2017). Apego y ciber-violencia en la pareja de adolescentes. *INFAD Revista De Psicología*, 1, 541-550. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.879>
- Hellevik, P. & Øverlien, C. (2016). Teenage intimate partner violence: Factors associated with victimization among Norwegian youths. *Scandinavian Journal of Public Health*, 44, 702-708. <https://doi.org/10.1177/1403494816657264>
- Jaen-Cortés, C. I., Rivera-Aragón, S., Reidl-Martínez, L. M., & García-Méndez, M. (2017). Violencia de pareja a través de medios electrónicos en adolescentes mexicanos. *Acta de Investigación Psicológica*, 7, 2593-2605. <http://dx.doi.org/10.1016/j.aijppr.2017.01.001>
- Jiménez, V., Muñoz-Fernández, N., & Gea, E. (2015). El ciber-cortejo en la adolescencia: riesgos e impacto emocional de la ciberconducta sexual. *Psychology, Society, & Education*, 7(2), 227-240. <https://doi.org/10.25115/psyev7i2.535>
- Lu, Y., Ouytsel, J.V., Walrave, M., Ponnet, K., & Temple, J. R. (2018). Cross-sectional and temporal associations between cyber dating abuse victimization and mental health and substance use outcomes. *Journal of Adolescents*, 65, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.02.009>
- Lucero, J. L., Weisz, A. N., Smith-Darden, J., & Lucero, S. M. (2014). Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Journal of Women and Social Work*, 29(4), 478-491. <https://doi.org/10.1177/0886109914522627>
- Lucio-López, L. A., & Pietro-Quezada, P. (2014). Violencia en el ciberespacio en las relaciones de noviazgo adolescente: un estudio exploratorio en estudiantes mexicanos de escuelas preparatorias. *Revista Educacion y Desarrollo*, 31, 61-72.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais. In Minayo, M. C. S.; Assis, S. G.; Njaine, K. (Orgs.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do "ficar" entre jovens brasileiros* (pp. 87-149). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2016). *Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências 2015*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ouytsel, J. V., Gool, E. V., Walrave, M., Ponnet, K., & Peeters, E. (2016). Sexting: adolescents' perceptions of the applications used for, motives for, and consequences of sexting. *Journal of Youth Studies*, 1-26. <http://dx.doi.org/10.1080/13676261.2016.1241865>
- Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. <https://doi.org/10.1177/1059840516683229>
- Penado-Abilleira, M. & Rodicio-García, M. L. (2018). Development and validation of an adolescent Gender-Based Violence Scale (ESVIGA). *Anuario de Psicología Jurídica*, 28, 49-57. <https://doi.org/10.5093/apj2018a10>
- Peskin, M., Markham, C., Shegog, R., Temple, J., Baumler, E., & Addy, R. et al. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal Youth Adolescence*, 46, 358-375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Picard, P. (2007). *Research Findings January 2007: Tech Abuse in Teen Relationships Study*. Illinois, United States: Liz Claiborne Inc.
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender Matters: experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.015>
- Reed, L., Tolman, R., Ward, L., & Safyer, P. (2016). Keeping tabs: Attachment anxiety and electronic intrusion in high school dating relationships. *Computers in Human Behavior*, 58, 259-268. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.019>
- Reed, L. A., Ward, L. M., Tolman, R. M., Lippman, J. R., & Seabrook, R. C. (2018). The association between stereotypical gender and dating beliefs and digital dating abuse perpetration in adolescent dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, Sep 28, 1-25. <https://doi.org/10.1177/0886260518801933>
- Reyes, L. M. V. (2017). Violencia en las relaciones sentimentales: del cara a cara al mundo virtual. *XIV Congreso Nacional de Investigación Educativa (COMIE)*, México. Recuperado de: <http://www.comie.org.mx/congreso/memoriaelectronica/v14/doc/0006.pdf>
- Ruiz, M. A. B. (2014). Implicaciones del Uso de las Redes Sociales en el Aumento de la Violencia de Género en Adolescentes. *Comunicación y Medios*, 30, 124-141.
- Stanley, N., Barter, C., Wood, M., Aghtaie, N., Larkins, C., Lanau, A., & Överlien, C. (2016). Pornography, sexual coercion and abuse and sexting in young people's intimate relationships: a European study. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-26. <https://doi.org/10.1177/0886260516633204>
- Smith, K., Cénat, J.M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: prevalence and correlates among high school students from small urban in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220-223. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. A. (2015). "They'll always find a way to get to you": technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(14), 2083-2117. <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>

Temple, J., Choi, H., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G., Peskin, M., & Elmquist, J. (2016). The Temporal Association Between Traditional and Cyber Dating Abuse Among Adolescents. *Journal Youth Adolescence*, 45, 340-349. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0380-3>

Vázquez, T. D., Hurtado, M. J. R., & Baños, R. V. (2018). La adolescencia ante la violencia de género 2.0: concepciones, conductas y experiencias. *Educacion XX1*, 21(1), 109-134. <https://doi.org/10.5944/educxx1.20180>

Walrave, M., Ponnet, K., Ouytsel, J., Gool, E., Heirman, W., & Verbeek, A. (2015). Whether or not to engage in sexting: Explaining adolescent sexting behaviour by applying the prototype willingness model. *Telematics and Informatics*, 32, 796-808. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2015.03.008>

World Health Organization. (1986). *Young People's Health - a Challenge for Society*. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva.

Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal Youth Adolescence*, 43(8), 1-16. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>

Wekerle, C.; Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology*, 19(4), 435-456. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(98\)00091-9](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00091-9)

Endereço para correspondência

Thais Afonso Andrade

Rua Almeida Cunha, 245, bloco G4

Boa Vista, 50.050-480

Recife, PE, Brasil

Thais Afonso Andrade

Doutoranda e Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil, bolsista Capes; psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Betim, MG, Brasil.

Marisa Amorim Sampaio

Doutora e Mestra em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), em Recife, PE, Brasil, com realização de Programa de Doutorado Sanduíche na Clínica Tavistock, em Londres, Inglaterra, Reino Unido; pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil; docente permanente da UNICAP (graduação e pós-graduação em Psicologia Clínica), em Recife, PE, Brasil.

Véronique Donard

Doutora em Psicopatologia Clínica pela Universidade Paris Diderot-Paris 7, em Paris, França; com pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Mestra em Musicologia pela Universidade Paris IV-Sorbonne, em Paris, França. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, e Coordenadora da Linha de Pesquisa em Ciberpsicologia e Humanidades Digitais do mesmo PPG, Recife, PE, Brasil.